

Curso de Linguística Histórica (FFL 0443)
2º Semestre de 2016

3. A MUDANÇA SONORA (FONÉTICA SINTAGMÁTICA)

Thomas Daniel Finbow
Departamento de Linguística (FFLCH/USP)

1. ASSIMILAÇÃO

- Dois sons se aproximam em termos do seu ponto de articulação.
 - ASSIMILAÇÃO TOTAL –
 - Lat., *nocte* [nokte] > ital., *notte* [notte], ou seja, [-kt-] > [-t:-].
 - ASSIMILAÇÃO PARCIAL –
 - Basco: *lan* [lan] “trabalho” + *bide* [biðe] “caminho” “maneira” > *lanbide* [lanbiðe] “profissão”, “ocupação”
 - A nasal alveolar [n] se converte em nasal labial [m], assimilando o traço labial do [b], mas não perde sua nasalidade.
 - A assimilação pode ser causada pelo CONTATO DIRETO entre segmentos (como nos exemplos acima) ou pode ocorrer entre segmentos que estão À DISTÂNCIA:
 - Germânico antigo, *gast* [gast] ~ *gastiz* [gastiz] > alemão mod., *Gast* [gast] ~ *Gäste* [gestə] (“hóspede” ~ “hóspedes”).
 - [a] ... [i(z)] > [e] ... [i] > [e] ... [ə].
 - Lat. ant., *[penk^we] > *[k^wen^wk^we] > *quīnque*
 - [p] ... [k^w] > [k^w] ... [k^w] (> [tʃ] ... [k^w] ital. *cinque* > [ts] ... [k] esp., ptg., *cinco*).
 - Esse exemplo é um caso de ASSIMILAÇÃO ANTECIPATÓRIA ou REGRESSIVA.

2. ASSIMILAÇÃO (cont.)

- Além da assimilação regressiva, há casos de ASSIMILAÇÃO PERSEVERATIVA ou PROGRESSIVA:
 - Basco antigo e basco mod. oriental: *alte* “lado”, *sentó* “robusto” > outras dialetos de basco: *alde* [alde] e *sendo* [sendo].
 - O traço sonoro do lateral [l] e do nasal [n] provocam vozeamento na oclusiva surda.[t].
 - Islandês ant., [munθ] “boca”, [gulθ] “ouro” > isl. mod., *munn* e *gull*.
 - A consoante interdental [θ] adquire a nasalidade ou lateralidade da consoante que a precede.
- A ASSIMILAÇÃO também pode ser MÚTUA:
 - Basco comum *itzu* “cego” X basco zuberoano *ützü* [ytsy] –
 - [i-] > [y-]
 - (a vogal alta anterior arredondou-se, mas mantém o traços de anterioridade e altitude);
 - [-u] > [-y]
 - (a vogal alta posterior adquire uma articulação anterior, enquanto mantém a qualidade arredondada).

3. RESISTÊNCIA AO EFEITO TRAVA-LÍNGUAS

- DISSIMILAÇÃO:
 - Uma resposta ao Efeito Trava-línguas de algumas sequências de sons.
 - Lat., *arbor* > esp., *árbol*, ital., *alboro* [cf. X ptg., *árvore*, fr., *arbre*].
 - Ital., *colonello* X esp., ptg., *coronel* (NB ingl., *colonel* [kɜnɪ]).
 - Tepe + tepe > tepe + lateral / lateral + tepe.
 - Lat., *anima* > basc., *arima*; > lat. tard., *anma* > esp., ptg., *alma* (fr., *âme*).
 - Nasal alveolar + nasal labial > tepe + nasal labial / lateral + nasal labial.
 - Hol., *schon* “limpo” [sxɔ:n] > africânder, [sko;n]
 - fricativa + fricativa > fricativa + plosiva.- A ASSIMILAÇÃO E A DISSIMILAÇÃO SIMULTÂNEAS:
 - Basc. ant., *ingiru* “vizinhança”, “proximidades” (< lat., *in gyru* “em arredor de”) > basc. mod., *inguru*.
 - Dissimilação: [i-] + [-i-] > [i-] + [-u-].
 - Assimilação: [-i-] + [-u] > [-u-] + [-u].

4. LENIZAÇÃO OU ABRANDAMENTO

- ENFRAQUECIMENTO DE CONSOANTES:
 - A desgeminção – geminado > simples.
 - Lat., *cuppa* > esp., ptg., *copa*. Lat., *gutta* > esp., ptg., *gota*, fr., *gotte* [got].
 - Lat., *siccu* > esp., ptg., *seco*. Lat., *flamma* > esp., *llama*, ptg., *chama*, fr., *flamme* [flam].
 - A espirantização – oclusiva > fricativa (> aproximante ... > zero).
 - Lat., *habebat* > ital., *aveva*, esp., *había* [aβia].
 - Lat., *faba* > ital., *fava*, esp., *haba* [aβa].
 - Lat., *cūpa* > (ptg., *cuba* [kuba]) > esp. *cuba* [kuβa].
 - Lat., *catena* > (ptg., *cadeia* [kadeja]) > esp., *cadena* [kaðena].
 - Lat., *sēcūru* > (ptg., *seguro* [seguru]) > esp., *seguro* [seyuro].
 - Oclusiva > líquido (a liquefação!?).
 - Ingl. geral, *wa[t]er*, *ci[t]y*, *I[t]aly*, *me[t]al* > Amer. Geral, *wa[r]er*, *ci[r]y*, *I[r]aly*, *me[r]al*.
 - A desbucalização – oclusivo oral > oclusivo glótico.
 - Ingl. geral, *wa[t]er*, *ci[t]y*, *I[t]aly*, *me[t]al* > inglês londrino, inglês de Glasgow (Escócia), *wa[ʔ]er*, *ci[ʔ]y*, *I[ʔ]aly*, *me[ʔ]al*.
 - A nasalização – consoante oral > consoante nasal.
 - Lat., *sabanu* “cobertura” > pré-basc., **zabanu* > basc. mod., *zamau* “pano de mesa”.
 - A sonorização / o vozeamento – surdo > sonoro.
 - Lat., *strata* > ital., *strada*, esp., ptg., *estrada*.
 - Lat., *lacu* > ital., ptg., esp., *lago*.

5. LENIZAÇÃO (cont.)

- A lenização pode ocorrer em qualquer posição dentro de uma palavra.
 - Em posição inicial:
 - Pré-jap., *pana > jap. mod., *hana*.
 - PIE *kel- > ing., *hill*.
 - PIE *porko- > irlandês *orc*.
 - PIE *sweks- > gr. ant., *hex*.
 - Em posição final:
 - Pré-turc., *dag > *[day] > turc. mod., *dağ* [da:].
 - Esp., *mismos* [mismos] > esp. lat. am. / andal. [mihmoh] > [mi^hmo^h].
 - Lat., *nōs* [no:s], *vōs* [vo:s] > ital., *noi*, *voi*.

No exemplo de espirantização, a passagem do latim ao português tipicamente se define como vozeamento. No entanto, nas línguas neolatinas no exemplo, o vozeamento constitui um elemento no processo de lenização que resultou em espirantização em certas línguas.

6. FRICATIVAS GLOTAIS E ASPIRAÇÃO

- [h] é a consoante mais fraca. Na prática, nada mais é que uma vogal surda. Consequentemente, sua articulação exige o mínimo de esforço físico para realizar.
- Portanto, [h] tende a ser fraco e instável e, frequentemente, o fone sofre elisão total. Sua posição de articulação fora do espaço bucal também contribui a essa tendência:
 - Em lat., p. ex., *hora, honor, hortus, homo, habere, nihil, mihi* /h/ > 0 antes do nascimento de Cristo; ninguém pronuncia o <h> de *homme, hombre, homen, honor, hora*, etc., durante uns 2000 anos.
 - Fr. ant. ganhou um [h] por empréstimos germânicos: *hibou* “coruja”, *hache* “machado”, *haie* “cerca viva”, séc. V e VIII, mas começou a desaparecer novamente no séc. XVI, sumindo totalmente antes do séc. XVIII.
 - Esp. ant. desenvolveu [h] pela lenização de /f/: *FICU* > [higo] > [igo] *higo* (cf., ptg., *figo*), *FILIU* > [fijo] > [hijo] *hijo* (cf., ptg., *filho*, ital., *figlio*, fr., *fils*), *FARINA* > [harina] > [arina] *harina* (cf., ptg., *farinha*); *FACERE* > *fazer* ((cf., ptg.) > *hazer* > (*h*)*acer* (cf., fr., *faire*, ital., *facere*). Como o /h/ francês, o castelhano o perdeu, mas ainda existe em variedades não-padrão nos dois lados do Atlântico.
- [h] também surge em esp. mod. devido à lenização do /x/, p. ex., *general, juego, hijo*, especialmente nas Américas e na Andaluzia.

7. ELISÃO

- Lat., *sēcūru* > ptg., *seguro* [seguru] > esp., *seguro* [seɣuro] > fr. ant., *seür* > fr. mod., *sur* [syR].
- Ingl. ant., *hēafod* [he:avod] > *head* [hed].
- Lat., *catēna* “corrente” > pré-basco **katena* > basco mod., *katea*.
- Lat., *catēna* > ibero-romance **kadena* > ptg., *cadeia*.
- Lat., *regale* > esp., ptg., fr., *real*, *réal* (cf., *regal*, *régia*, *royal*).
- Lat., *sedēre* > ant. esp., ptg., *seer* > *ser*
- Ingl. ant., *hlūd* > ing. mod., *loud*; *hnūtu* > *nut*; *hit* > *it*.
- Ingl., *whine* [hwain], *where* [hwεə] > [wain], [wεə] = *wine*, *wear*.
- Ingl. mod. não-padrão: *arm* = *harm* [ɑ:m] (‘*arm*); *hair* = *air* [εə] (‘*air*).
- Desde o protogermânico até o inglês antigo, o fonema /k/ ia-se elidindo em direção ao desaparecimento, p. ex., [k] > [x] > [h]: *head*, *hill*, *help*, *heart*, *he*, ...
- Ingl. mod. de Liverpool: /k/ = [kx] *key*, *kill*, *like*, *brick* (NB em contato com vogais anteriores e altas).
- Ao longo da história, /k/ foi fortalecido por sua reintrodução em empréstimos: *carry*, *carrot*, *picture* (< fr. norm.), *kilt*, *sky*, *skin* (< norreno), *kinetic* (< gr.), *actor* (< lat.), *kayak* (< esquimó).

8. FORTALECIMENTO

- A geminação – consoante simples > consoante geminada:
 - Lat., *aqua* [akwa] > ital., *acqua* [akkwa].
 - (cf., esp., *agua*, ptg., *água*, fr., *eau*).
 - Lat., *sapiat* [sapiat] > ital., *sappia* [sappia].
 - (cf., ptg., sa[b]e, esp., sa[β]e, fr., sa[v]oir ~ *sait* [sɛ]).
- Desfricativização / consonantização / desespirantização –
 - Aproximante > fricativa > oclusiva):
 - Lat., *maiu* [majju] > ital., *maggio* [madʒ:o] ~ [maddʒo].
 - Norreno, *par* [θar] “lá”, “ali” > sueco *där*.
- Líquido > oclusiva:
 - Pré-basco **erur* “neve” > basco ocidental *edur*.
- Bucalização (oclusão glótica > oclusão oral):
 - Muito raro; não há exemplos.
- Desnasalização – consoante nasal > consoante oral:
 - Basco *musti* “molhado” (< prov.) > basco mod., *busti*.
- Desvozeamento / o ensurdecimento – sonora > surda:
 - Russo: xl'e[b] > xl'e[p] “pão”; sa[d] > sa[t] “jardim”; dru[g] > dru[k] “amigo”

9. ACRÉSCIMO DE TRAÇOS FONÉTICOS

• PALATALIZAÇÃO

- A proximidade a uma vogal alta e anterior afeta a articulação de uma consoante próxima, puxando a língua mais perto do palato duro.
 - Ingl., *cheese*, *child*, *chin* X alem., *Käse*, *Kind*, *Kinn*.
 - Ingl., *church* (< ingl. ant., *cyrice* [tʃi:riʃe] X ing. escocês *kirk* (< norreno).
 - [k] oclusiva velar + vogal anterior alta > [tʃ] africada palato-alveolar.

• VELARIZAÇÃO

- A parte posterior da língua se aproxima ao véu do palato (o palato mole).
 - Ptg., *solto* [soʎtu] ~ [sowtu], *sal* [saʎ] ~ [saw] X esp., *solto* [solto], *sal* [sal].
 - [l] > [ɫ] > [w] > ...
 - Ingl., *ball* [bɔʎ] “bola”, *feel* [fiʎ] “sentir”, *field* [fiəʎd] “campo”, *milk* [miʎk], “leite”.
 - Ingl., *yolk* [jɔʎk] “gema”, *folk* [fɔʎk] “povo”; *talk* [tɔ:k] “fala”/“falar”, *walk* [wɔ:k] “andar”, “caminhada”, “passeio”; *palm* [pɑ:m] “palma”, *calm* [kɑ:m] “calma”.
 - Polonês, *Łódź* “nome de uma cidade” [ɫudz] > [wudz]

• NASALIZAÇÃO

- O velo desce antecipadamente para articular uma consoante nasal e passa esse característico aos sons próximos (ou o velo demora para fechar-se).
 - Esp., *pan* [pan] X ptg. ant. pã > ptg. mod., *pão*.
 - Esp., son [son] X ptg. ant., sõ > ptg. mod., *são*.
 - Ingl. brit., *can't* [kænt], [kɑ:nt] “não pode” X ingl. amer., [kæ̃t] (X [kæt] *cat* “gato”).
 - Ingl. brit., *don't* [dɔ̃nt] “não faz” X ingl. amer., [dɔ̃t] (X [dɔ̃t] *dote* “dote”).
 - Ingl. brit., *punt* [pʌ̃nt] “chute longo”, “bote de fundo chato” X ingl. amer., [pʌ̃t] (X [pʌt] *putt* “tacado [em golfe]”).

10. FUSÃO FONÉMICA

- Na nasalização e na palatalização, dois segmentos fonéticos muitas vezes podem fundir-se em um que resume aspectos dos dois originais:
 - Fr., *faim* “fome” [fɛ̃], *pain* [pɛ̃], *langue* [lã:g], *bon* [bõ]:
 - [-m], [-n] > 0 / _# e provocam nasalização na vogal anterior.
 - Ptg., *pão* [pẽw̃], *língua* [lĩgwa], *bom* [bõ].
 - Ptg., *contra* = ['kõ.tra], *som* = [sõ];
 - As letras <n> e <m> só indicam a presença do traço nasal na vogal.
 - Ingl., *nature* ['neɪ.tjə] ~ ['neɪtʃə]; *education* [ɛdju'keɪʃn] ~ [ɛdʒu'keɪʃn]
 - Ingl., *tissue* ['tɪs.ju] ~ ['tɪʃu].
 - Checo, [r] + [j] > [r̂j], p. ex., <ř> *Dvořak*.
 - Sueco: [r] + C dental / alveolar > C retroflexo.
 - *fart* “velocidade” [fa:t], *korn* “trigo” [kʊ:ŋ] *kors* “cruz” [kʊ:ʂ].
 - Basco ocidental: fricativa surda [x] + labial velar glide [w] > [hw] > [ɸ] > [f].
 - *joan* [xoan] > [xwan] > [fan].
 - NB outros dialetos basco não apresentam esse fone.

11. DESEMPACOTAMENTO / SEGMENTALIZAÇÃO

- Um fone se desfaz em dois segmentos que dividem os traços do som original:
 - Basco comum *baño* [ba.no] “do que ” (comparativo) → basco oriental, *baino* [baj.no]
 - Basco comum *ollo* [o.ʎo] “galinha” → basco oriental *oilo* [oj.lo].
 - [ɲ] → [j] + [n]. [ʎ] → [j] + [ʎ].
- Fr. coloquial, *mignon* [mi'ɲõ] “fofo” > [mi'njõ]. Fr. col., *gnon* [ɲõ] “golpe”, “pancada” > [njõ].
- Fr., *musique* [my'zik] > ing., ['mju:zik] *music*. Esp., *cañón* [ka'ɲon] > ing., ['kan.jn] *canyon*.

- OUTROS FENÔMENOS DE CONTATO FONÉTICO:
 - *A africacão*: a conversão de um som africado (oclusiva + fricativa homorgânicas)
 - *A labialização*: o acréscimo de arredondamento ou compressão labial ao um segmento.
 - *A retroflexão*: o ponto da língua se curva para atrás para tocar atrás dos alvéolos ao articular o som.
 - *A glotalização*: a adição de oclusão glótica a um som.
 - *A lateralização*:
 - O *rotacismo*: a transformação de um som em variante de [r],
 - p. ex., lat. ant., *hono[s]em*, *hono[s]is*, etc., > **hono[z]em*, **hono[z]is*, etc. > lat. clás., *honorem*, *honoris*, etc.
 - O *lamdacismo*: a conversão de outro som em variante de [l].
 - *Parte*, *sulco* [pal.te], [surko].

12. AS VOGAIS E A ESTRUTURA SILÁBICA

- Diferente das consoantes, as vogais são produzidas sem oclusão da corrente de ar. Portanto, as vogais não ocupam lugares de articulação precisamente determinadas quanto aos pontos de articulação. Por conseguinte, as vogais tendem a ser menos estáveis que as consoantes.
- Alguns termos gerais:
 - *Elevação*: basco, *astoa* “o burro” > [astua] em muitas variedades.
 - *Descida*: pré-fr., *[vĩ] “vinho” > fr. mod., *vin* [vẽ].
 - *Avanço*: basco, *dut* “eu o tenho” > basco zuberiano [dyt].
 - *Retração*: pré-ing. ant., *[dægɑs] “dias” > ing. ant., *dagas*.
 - *Arredondamento*: pré-norr., *[allum] “all” (dat. pl.) > norreno *ollum*.
 - *Desarredondamento*: ingl. ant., *bysig* [byzij] > ing. mod., *busy* [bizi].
 - *Centralização*: lat., *campu* “campo” > rom., *cîmp* [kimp].
 - *Alongamento / tenção*: ingl. ant., [ʃild] > ing. méd., [ʃi:ld].
 - *Abreviação / laxação*: ingl. ant., *fifth* [fi:fta] “quinto” > ing. mod., *fifth* [fifθ].
 - *Ditongação*: lat., *bōna* “boa”, *bēne* “bem” > esp., *buena*, *bien*.
 - *Monotongação*: fr. ant., *eux* “eles” [ew] > fr. mod., [ø]; *aube* “alba” > [o:b].

13. PROCESSOS DE MUDANÇA VOCÁLICA

- Mais de um processo pode afetar a mesma vogal, p. ex.,
 - Lat., *demandare* > ital., *domandare*, lat., *limaca* > ital., *lumaca*.
 - A primeira vogal nessas palavras foi retraída e arredondada;
 - Lat., *ebriacu* “bêbado” > ital., *ubriaco*.
 - A primeira vogal foi retraída, arredondada e elevada;
 - Lat., *rota* > ital., *ruota*.
 - A vogal exibe ditongação e alongamento.
- Algumas línguas apresentam muita estabilidade durante longos períodos, p. ex., basco e italiano, cujos sistemas sonoras mudaram relativamente pouco durante quase 1500 anos. O japonês é outro exemplo muito estável.
- Durante esse mesmo período de tempo, em inglês ou em francês, as vogais tem evoluído várias vezes e de formas bastante dramáticas e as vogais continuam a mudar nas variedades ao redor do mundo, p. ex.,:
 - Nova York – “Gee that’s too bad” = “Chee des too beard” para falantes de outras variedades;
 - Em inglês padrão (RP) as vogais de *cat* [kæt] “gato” e *cut* [kʌt] “corte”, “cortar” estão se aproximando:
 - David Crystal reporta uma conversa entre um o juiz do Tribunal Supremo Inglês que se esqueceu de trazer uns documentos importantes de sua casa de campo. Um advogado, desejando ajudar, lhe sugeriu, *Fax it up M’Lud* (“Mande enviá-lo pra cá por fax, S ‘celência), ao que o juiz respondeu, *Yes, it does rather* (“Pois é, e bastante”).
 - Ou seja, o juiz entendeu *fax (up)* [fæks] “enviar por fax” na pronúncia do advogado como *fucks (up)* [flks] “ferrar”!

14. POSICIONAMENTO DO ACENTO TÔNICO

- A energia adicional que um sílaba ganha no ato de acentuá-la pode causar vários efeitos numa vogal: pode alongar-se, tencionar-se, tornar-se mais periférica [no espaço bucal], elevar-se e até ditongar-se.
- Por outro lado, na ausência do acento tônico, as vogais podem tornar-se mais centrais e mais curtas (REDUÇÃO) e até chegar à perda total da vogal.
 - Os efeitos podem ser bastante dramáticos como, p. ex., em russo o inglês.
 - ingl., *photograph* ['fəʊ.təˌɡɹɑf] X *photography* [fə'tɒ.ɡɹə.fi] X *photographic* [ˌfəʊ.tə'ɡɹæ.fɪk].

15. A ESTRUTURA SILÁBICA

- Existe uma hierarquia implicativa no que diz respeito à complexidade estrutural silábica nas línguas nativas.
- Em português, as crianças adquirem as sílabas na ordem seguinte:
 - 1. CV – 2. V.CV – 3. CV.V – 4. CVC – 5. CCV.
 - As línguas parecem “preferir” certos tipos de sílabas. A estrutura mais comum “não marcada” é CV, seguida de CVC.
 - Vogais em sílabas abertas – CV – tendem a ser mais compridas.
 - Vogais em sílabas fechadas – CVC – tipicamente são curtas. Esta tendência é especialmente frequente se a sílaba se fecha com um grupo de consoantes [CVCC]
 - Ingl. ant., *fif* /fi:f/ “cinco” > ingl. ant. & mod., *fifp* ~ *fifth* /fifθ/ “quinto”.
 - Ingl. ant., *cild* [tʃild] > [tʃi:ld] > ingl. mod., *child* [tʃajld] X ingl. ant. & mod., *children* [tʃildrən].

16. O VOCALISMO (cont.)

- Vogais em hiato (duas vogais consecutivas sem consoante entre elas) são especialmente instáveis e os falantes seguem várias estratégias para tentar eliminar hiatos.
- Veremos abaixo alguns processos que são exemplificadas com o basco.
 - O artigo definido basco e o sufixo <-a> [-a]. Portanto, se um substantivo termina em vogal, uma situação de hiato resulta.
- Basco comum: *asto* “burro” + *-a* “o” > *astoa* “o burro”; *lore* “flor” + *-a* > *lorea* “a flor”.
 - Os dialetos bascos orientais formam GLIDES: uma vogal no hiato, em geral a mais alta, se torna num glide não-silábica: *ast[w]a*. *lor[j]a*
 - Os dialetos bascos ocidentais alçam a vogal para diferenciá-la da vogal mais baixa no sufixo:
ast[u]a *lor[i]a*
- Basco comum: *zaldi* “cavalo” + *-a* “o” > *zaldia* “o cavalo”; *buru* “cabeça” + *-a* > *burua* “a cabeça”.
 - O basco oriental continua com o tratamento comum: *zald[i]a*. *bur[u]a*
 - Os dialetos basco ocidentais insere glides entre as vogais em hiato, criando três sílabas CV:
zaldi[j]a /zal.di.ja/ *buru[w]a* /bu.ru.wa/
 - Alguns dialetos ocidentais foram mais longe ainda no seu tratamento de *zaldia*, praticando fortalecimento do glide inserido: *zaldi[ʝ]a*, *zaldi[ʒ]a*, *zaldi[ʃ]a*. A presença dessas consoantes palatais pode até alçar a vogal do sufixo *-a* [a] > [e] por assimilação, ou seja, achamos *zaldi[ʝe]*, *zaldi[ʒe]*, e *zaldi[ʃe]*.
- Basco comum: *neska* “menina” + *-a* “a” > [neskaa] > *neska* “a menina”, uma fenômeno chamado COALESCÊNCIA vocálica (fusão fonêmica/geminação vocálica)
 - Os dialetos bascos ocidentais responderam ao hiato de outra maneira, elevando a primeira vogal a [e] ou [i]: *neska* + *-a* (> neskaa) > nesk[e]a ~ nesk[i]a.

17. VOCALISMO (cont. [2])

- O ALONGAMENTO COMPENSATÓRIO:
 - Uma vogal é alongada ao mesmo tempo em que outro segmento é eliminado da palavra. A motivação é o desejo de manter o tempo total preciso para pronunciar essa palavra.
 - Pré-ingl. ant., [finf] (cf. alem., *fünf*) > *fīf* [fi:f].
 - Fr. ant., *beste* [bɛs.tə], *feste* [fɛs.tə], [mɛs.trə] > *bête* [bɛ:t], *fête* [fɛ:t], *maître* [mɛ:tr̥].
 - (Fr. mod., *maître* [mɛ:tr̥] > [mɛtr̥] = *mettre* [mɛtr̥]).
 - Pré-hindu **satt* “sete” > [sa:t].
 - Proto-eslavo **bogŭ* > sérv.-cro. ant., [bo:g].
- ESTRATÉGIAS DE CONSOANTALIZAÇÃO PARA EVITAR O HIATO:
 - Em muitas variedades do inglês britânico, /r/ sumiu em todas as posições, exceto antes de uma vogal.
 - *dark* [daɪk] > [da:k]; *far* [faɪ] > [fa:] X *far away* ['fa:ɪə'weɪ].
 - *Cuba and China* ['kju.bə.ɪənd'tʃaɪ.nə]. *The idea is ...* [ðə.aɪ'diə.ɪz].
 - *I saw it* [aɪ'sə.ɪt]. *Awe-inspiring* ['ɔ:..ɪn.spaɪ.ɪŋ].
 - *This bra is made of ...* [ðɪs'bɹɑ:..ɪz'meɪd.əv]. *Withdrawal* [wɪðdrɔ:ɪəl].

19. PROCESSOS QUE AFETAM SEGMENTOS FONOLÓGICOS INTEIROS

- É possível que os falantes de uma língua simplesmente parem de pronunciar um determinado segmento numa certa posição de modo sistemático, sem passar por um processo gradativo de lenização que acaba terminando na elisão.
- A perda de um segmento inicial desse tipo é chamado AFÉRESE.
 - Ingl. méd., *knee* [kne:] “joelho”, *knot* [knɒt] “nó”, *knife* [kni:fə] “faca” > ingl. mod., [ni:], [nɒt], [naɪf].
- O nome do mesmo processo de elisão, só que de um segmento final se chama APÓCOPE.
 - Fr. ant.,
 - *lit* [lit] “cama”,
 - *gros* [gros] “gordo”,
 - *soûl* [sul] “bêbado”,
 - *murs* [murs] “muros”,
 - *part* [part] “partir”,
 - *aimer* [ɛmer] “amar” >
 - Fr. mod. [li], [gʁo], [su], [myʁ], [paʁ], [ɛme].
 - Aférese e apócope podem afetar as vogais também, p. ex., ingl. mod., *especial* > *special*, é um caso daquele processo e a ortografia de *make* e *time* indica que essas palavras sofreram desse outro.

19. SINCOPE

- Não é muito comum que uma consoante seja eliminada de repente no meio de uma palavra, a não ser que se trate da simplificação de um grupo consonântico, como em ingl. mod., *Wednesday* > ['wenz.di].
- Contudo, a perda de uma vogal em posição medial – A SÍNCOPE – ocorre com frequência.
 - Ingl. mod., *camara* ['kæm.iə], *battery* ['bæ.tɪ]
 - *chocolate* ['tʃɒ.klət], *medicine* ['mɛdɪsn],
 - Ingl. mod., *police* [pə'lis] > [pə'lis] > [plis],
 - *correct* [kə'rekt] > [kə'rekt] > [kɪekt].
 - Ingl. mod., *dictionary* ['dɪk.ʃ(ə)nɛ.ɪ] > ['dɪk.ʃn.ɪ].
 - Lat., *seculu* > esp., *siglo*, fr., *siècle*.
 - Lat., *littera* > esp., ptg., *letra*, fr., *lettre* [lɛtʁ]).
 - Lat., *dominicu* > esp., ptg., *domingo*, fr., *dimanche*.
 - Lat., *paupere* > esp., ptg., *pobre*, fr., *pauvre*.
 - Lat., *asinu* > esp., ptg., *asno*, fr., *âne*.

20. O ACRÉSCIMO DE SEGMENTOS [1]

- PRÓTESE:
 - O acréscimo de um som (quase sempre vocálica) no início de uma palavra:
 - Lat., *spatha* > esp., ptg., *espada*.
Lat., *statu* > esp., ptg., *estado*.
 - Lat., *scala* > esp., *escala*, ptg., *escada* Lat., *smaragdu* > esp., ptg., *esmeralda*
 - Ptg. mod., *snob* [iz.no.bi], *slalom* [iz.la.lõ], *Strassbourg* [istras(i)burgo]
 - Lat., *rosa* > basco, *errosa* Lat., Roma > basco, *Erroma*.
 - Basco, *errubia* “rubi”, *erradio* “rádio”, *Errusia* “Rússia”.
- PARAGOGE ou EXCRESCÊNCIA:
 - O acréscimo de um segmento no final de uma palavra (tipicamente consoantes e, em geral, apenas depois de outra consoante):
 - Ingl. méd., *amongs* “dentro de”, *amiddes* “no meio de”, *betwix* “entre” > ing. mod., *amongst*, *amidst*, *betwixt*.
 - Ingl. (coloq.), *no* > *nope* [nəʊp].
 - EXCRESCÊNCIA = surgimento de uma consoante entre outras consoantes (especialmente em posição final absoluta de vocábulo).
 - Surgimento de vogais entre consoantes = epêntese, anaptixe, suarabacti.

21. O ACRÉSCIMO DE SEGMENTOS [2]

- ANAPTIXE / SUARABACTI
 - Segmentos vocálicos surgem no meio de uma palavra:
 - Lat. ant., *facilis*, *poculum* > Lat. clás., *facilis*, *poculum* (“fácil”, “copo [de pé]”).
 - Ingl. mod., *athlete* [æθ.lit] > [æθəlɪt].
 - Ingl. irlandês: *film* [film] > [fɪləm]
 - Ingl. londrino: *Henry* [(h)ɛn.ɹi] > [ɛnəɹi].
 - Em empréstimos: árabe, *waqt* [waqt] “tempo” > turco, *vakit* [va.kit].
 - árabe, *ism* [izm] “nome” > turco, *isim* [isim].
- EPÊNTESE CONSONANTAL
 - Ingl., *prince* [pɹɪns] > [pɹɪnts].
 - Ingl. ant., *æmtig* [æm.tɪg] > ingl. mod., *empty* [ɛmp.tɪ] “vazio”.
 - Ingl. ant., *bymel* [θy.məl] > ingl. mod., *thimble* [θɪm.bəl] “dedal”.
 - Ingl. méd., *nemel* [neməl] > ingl. mod., *nimble* [nɪm.bəl] “ágil”.
 - Ingl. méd., *thuner* [θʊ.nər] > ingl. mod., *thunder* [θʌn.də ~ð] “trovoar”, “trovoado”.
 - Lat., *homine* > iberorrom., *[om.ne] > esp. ant., [om.re] > esp. mod., *hombre* (X fr., *homme*, ptg., *homem*).

22. O ACRÉSCIMO DE SEGMENTOS [3]

• METÁTESE

– Este processo muda a seqüência de segmentos numa palavra:

- Ingl. ant., *wæps* [wæps] > ingl. mod., *wasp* [wɒsp] (> [wɒps]).
- Lat., *crepare* (**> *crebar*) > esp., ptg., *quebrar*.
- Lat., *parabola* (**> *parab'la*) > esp., *palabra*, ptg., *palavra* (> fr., *parole*).
- Lat., *miraculu* (**> *mirag'lo*) > esp., *milagro*, ptg., *milagre* (> fr., *miracle*).
- Lat., *periculu* (**> *perig'lo*) > esp., *peligro* (> ptg., *perigo*).
- Lat., *crocodilu* (**> *crocodilo*) > esp., *cocodrilo* (> ptg., *crocodilo*, fr., *crocodile*).

• HAPLOLOGIA

– Duas sílabas idênticas consecutivas são reduzidos a um sílaba:

- Lat., *nutri-* + *-trix* (**> *nutritrix*) > *nutrix*.
- Basc., *sagar* “maçã” + *ardo* “vinho” (**> *sagarardo*) > *sagardo* “sidra”.
- Basc., *maite* “amado/a” + *-tasun* “sufix substantivizador” (**> *maitatasun*) > *maitasun* “amor”.
- Ing., *gentle* “suave” + *-ly* “sufixo adverbial” (**> *gently*) > *gentle* “suavemente”.
- Ing., *simple* “simples” + *-ly* “sufixo adverbial” (**> *simply*) > *simply* “simplesmente”.
- Ing. ant., *Anglelond* “terra dos Angles” > ing. mod., *England* “Inglaterra”.

23. SUMÁRIO DOS PROCESSOS FONOLÓGICOS QUE AFETAM SEGMENTOS INTEIROS

Posição do segmento afetado	Início de palavra	Meio de palavra	Final de palavra
Acréscimo de segmento	prótese	epêntese [anaptixe, suarabacti, excrescência]	paragoge [excrescência]
Perda de segmento	aférese	síncope	apócope

24. A *VEXTA QUAESTIO*: A REGULARIDADE DAS MUDANÇAS FONOLÓGICAS

- Agora, introduzo a pergunta de se uma mudança fonológica é regular ou não. Isso quer dizer, quando ocorrer uma mudança determinada, ela afetará TODAS as palavras que apresentem os segmentos pertinentes, ou só alguns segmentos?
- Certos processos são notoriamente irregulares – como a metátese, por exemplo, – em geral, apenas algumas palavras o sofrem.
- Assim, podemos dizer que algumas mudanças, como a metátese, são ESPORÁDICAS: trata-se de uma mudança que acontece de uma maneira mais ou menos avulsa. Mas essa classe de mudanças esporádicas é menos comum: a maioria das mudanças fonológicas tendem a se aplicar de uma maneira bastante generalizada (ou seja, elas são bastante regulares), p. ex.,
 - No ingl. de Londres, [t^h-] > [t^s-] em todas as palavras em que há um /t-/ inicial.
 - Em latim, todas as consoantes oclusivas geminadas sofreram lenização e passaram a ser realizadas de forma simples nas variedades românicas ocidentais, ou seja, em esp., ptg., e fr.
 - No japonês antigo, [p] > [h] em todas as situações menos as em que [p] foi geminado, que bloqueou o processo de lenização.
 - Todas as oclusivas finais russas foram desvozeadas; o mesmo ocorreu no alto alemão.

25. A hipótese neogramática

- Os neogramáticos afirmaram que “as mudanças fonéticas não admitem exceções”. Desse modo, eles procuravam estabelecer uma base sólida que podia servir de modo a desenvolver uma metodologia rigorosa para investigações científicas da mudança linguística.
- No entanto, essa afirmação, aparentemente tão confiante, e parecia atribuir o estatuto de “lei natural”, semelhante as leis da física, à mudança fônica, escondia na verdade, uma série de variáveis cuja existência tornava a hipótese neogramática muito menos firme, porque a regularidade da mudança fônica só se sustentava:
 - Dentro do mesmo contexto fonético,
 - Dentro do mesmo grupo social,
 - No mesmo período cronológico,
 - Na mesma área geográfica.
- Ou seja, como apontou Hugo Schuchardt, o grande oponente intelectual da Escola Neogramática, na realidade, a “hipótese” defendia um obviedade inócua que nada contribuía à nossa compreensão dos fenômenos da mudança: uma vez excluídos os casos irregulares, os processos de mudança fonética são completamente regulares”.

26. O impacto da hipótese neogramática

- Apesar das críticas contundentes de Schuchardt no ensaio *Sobre as leis fonéticas: contra os Neogramáticos* (1885), em que ele defendia a natureza fundamentalmente irregular da mudança linguística, devido à origem imprevisível das inovações e por causa da propagação avançar mediante fatores à mercê das escolhas particulares de falantes individuais, a grande maioria dos linguistas acadêmicos seguiam a visão neogramática.
- Existia duas fontes de ímpeto para as mudanças linguísticas: a FISIOLÓGICA (eficiência energética, dificuldade motora para articular) e a PSICOLÓGICA (fatores mentais, p. ex., identidade coletiva e individual, percepções de semelhança e/ou diferença, etc.).
- Assim, sustentava-se que, excluída a situação de divisão dialetal, em que dois ou mais grupos que antes falavam a mesma língua se afastam linguisticamente, cada falante segue o mesmo padrão:
 - As mudanças fonéticas ocorrem quando os falantes começam a realizar outro alvo articulatório do que aquele que almejavam anteriormente. Ou seja, devido às dificuldades de articular certas sequências de sons ou porque certo(s) som ou sons exerciam determinada influência, ou para evitar que certas palavras se tornassem homófonas, inconscientemente, os falantes modificariam a maneira de articular.
 - Muito gradualmente, a frequência da nova articulação aumenta na comunidade e os casos da antiga articulação diminui, até que só existem a nova maneira de pronunciar.
 - Qualquer palavra em que o contexto fonético propício para a mudança em questão existir sofrerá tal modificação, no mesmo momento e indo na mesma direção.
 - Fatores que podem interferir no processo mecânico e gerar irregularidades são:
 - “Mistura de dialetos” (empréstimos de outras variedades, que não teriam passado pelas mesmas mudanças)
 - Analogia (o princípio de que itens com o mesmo significado deveria exibir a mesma forma e na mesma proporção relacional).